

aurum arte chemicâ conflagavit Holmiæ 1706, O. A. V. Payküll. Na referida operação, encontravam-se presentes o general Hamilton, o advogado Fehman, o químico Hierne e outras pessoas revestidas de caráter oficial. Segundo o informe do citado químico, bastava uma parte da tintura solidificada para transformar em ouro seis partes de chumbo. L. Figuier, de quem tomamos estes dados, qualifica de “hábil escamoteação” a referida transmutação, apoiando-se sem dúvida no informe dado pelo célebre químico Berzélius, baseado no exame de alguns documentos que, *segundo parece*, Payküll havia entregue ao general Hamilton e nos quais revelava seu segredo. (Figuier, *A Alquimia e os Alquimistas*)

Pâyü (*Sâns.*) – Órgãos excretórios; a modificação do *Prâna* que contribui para formá-los. (*Râma Prasâd*)

Pâyya (*Sâns.*) – Vil, ruim, desprezível.

Paz – Eis aqui como o *Bhagavad-Gîtâ* expressa a maneira de conseguir o sossego, a tranqüilidade, a paz de ânimo, virtude que, por ser de tão alta estima, a Igreja Romana considera como um dos “frutos do Espírito Santo”: “Consegue a paz aquele em cujo coração estinguem-se os desejos, como os rios perdem-se no mar, o qual, embora cheio, jamais transborda; porém muito distante está da paz aquele que acaricia desejos. O homem que, tendo extirpado de seu coração toda classe de desejos, vive livre de afãs, interesses e egoísmo, obtém a paz. – Tal é a meta, a condição divina.” (*Bhagavad-Gîtâ*, II, 70-72). Quando o Eu desviou sua atenção dos veículos, involúcrulos ou diversos corpos que ocupa, até o ponto em que estes já não influem sobre ele; quando pode servir-se deles segundo lhe apeteça; quando chegou a ser perfeita a claridade de sua visão; quando os veículos, já não contendo vida elemental, mas unicamente a vida emanada do Eu, deixam de constituir um obstáculo para suas atividades, então a Paz cobre o homem com suas asas, pois este chegou finalmente àquilo que há tanto tempo pretendia alcançar. O homem, unido desde então ao Eu, não se confunde com seus veículos, que para ele constituem apenas as ferramentas que maneja a seu gosto. Realizou esta paz, que reside no coração do Mestre, a paz daquele que domina em absoluto todos os seus veículos e que, por conseguinte, é o senhor da vida e da morte. A união da vontade individual com a Vontade Una, a fim de servir à Humanidade, é para nós um objeto cem vezes mais apetecível do que todos os bens da Terra. Não viver isolado dos demais seres, mas, ao contrário, tornar-se uno com eles, identificando-se com os mesmos; não querer alcançar sozinho a paz e a felicidade e dizer com o Buddha: “Jamais gozarei sozinho a paz final, ao contrário, em todas as partes e sempre sofrerei e lutarei até que toda a Humanidade a alcance comigo”. Então nos aproximaremos da Divindade e percorreremos o sendeiro seguido por todos os grandes Seres e nos daremos conta de que a Vontade, que a ele nos conduziu, é bastante poderosa para sofrer ainda, para lutar mais ainda, até que o sofrimento e a luta tenham finalmente cessado para todos e que todos gozemos a Paz infinita. (A. Besant, *Estudo sobre a Consciência*.)

Paz, Touro da – Ver *Touro*.

Pâza – Ver *Pâsa*.

Pâza-pâni ou **Pâza-bhrit** (*Sâns.*) – “Que tem uma corda na mão”. Epíteto de Varuna.

Pazchâtâpa (*Sâns.*) – Arrependimento, contrição.

Pazchimâ (*Sâns.*) – A região ocidental.

Pâzupata (*Sâns.*) – Seguidor de Shiva-pâzupati. A flecha milagrosa de Shiva.

Pazu-pati (*Sâns.*) – “Senhor dos animais”. Epíteto de Shiva.

Pazyant (*Sâns.*) – Vidente, clarividente.

Pazyantî – Ver *Pashyantî*.

Pazyantî-Vâch – Ver *Vâch*.

Pazyat – Ver *Pazyant*.

Pedra branca – Signo de Iniciação mencionado no *Apocalipse* de São João. Esta pedra tinha gravada a palavra *prêmio* e era símbolo daquela palavra dada ao neófito que, em sua Iniciação, havia passado vitoriosamente por todas as provas dos Mistérios. Era a poderosa cornalina branca dos rosacruz medievais, que a tomaram dos gnósticos. “Àquele que vencer será dado de comer do maná escondido (o conhecimento oculto que, como sabedoria divina, desce dos céus) e lhe darei uma *pedra branca* e na pedra um novo nome escrito (o “nome de mistério” do homem interno ou o Ego do novo Iniciado), nome que ninguém conhece a não ser aquele que o recebe”. (*Apocalipse*, II, 17).

Pedra Filosofal, Lapis philosophorum (*Lat.*) – “Pedra dos Filósofos”. Termo místico pertencente à Alquimia e que não tem significado muito diferente daquele que geralmente se lhe atribui. A Pedra Filosofal é também chamada de “pó de projeção”. É o *Magnum Opus* (Grande Obra) dos alquimistas, objeto que devem alcançar a todo custo, uma substância que tem a virtude de transmutar em ouro puro os metais mais vis. Contudo, misticamente, a Pedra Filosofal simboliza a transmutação da natureza animal e inferior do homem na natureza divina e elevada. A Obra Secreta de Chiram ou Hiram da Cabala, “una em essência, porém três na aparência”, é o Agente Universal ou Pedra dos Filósofos. A culminação da Obra Secreta é o homem espiritual perfeito, num extremo da linha; a união dos três Elementos é o Solvente Oculto da “Alma do Mundo”, a Alma Cósmica ou Luz Astral, na outra extremidade. (*Doutrina Secreta*, II, 119) – Considerada do ponto de vista puramente material, estabeleceu-se uma diferença entre a pedra (ou pó) filosofal denominada de *grande magistério*, *grande elixir* ou *quintessência*, que é aquela que adquiriu seu maior grau de perfeição e tem a virtude de transmutar em ouro os metais vis, e a chamada *pequena pedra filosofal*, *pequeno magistério*, *pequeno elixir* ou *tintura branca*, que é menos perfeita do que a outra e só pode transmutar tais metais em prata. A pedra filosofal apresenta-se em formas e cores diversas (branco, vermelho, verde, azul celeste etc.). Segundo Van Helmont, tinha a cor de açafrão em pó e era pesada e brilhante como pedaços de vidro. Paracelso descreve-a como um corpo sólido de cor rubi escura, transparente, flexível, porém quebradiça. Raimundo Lúlio (ou Lull) designa-a algumas vezes com o nome de *carbúnculo*; outros a apresentam como um pó vermelho etc. As propriedades essenciais que os alquimistas lhe atribuem são as seguintes: transmutar em ouro e prata os metais vis (chumbo, mercúrio, cobre etc.); prevenir e curar todo tipo de enfermidades, tanto as agudas quanto as crônicas, e prolongar a vida humana além de seus limites naturais; por esta razão, considera-se tal substância, tomada internamente, como o mais precioso dos remédios. Alguns autores espagíricos atribuíram a esta famosa pedra outra propriedade importante: a de formar artificialmente pedras preciosas, tais como diamantes, pérolas e rubis. “Haveis visto, Sir - escreveu Lull ao Rei da Inglaterra - a maravilhosa projeção que fiz em Londres com a água de mercúrio que lancei sobre o cristal dissolvido; formei um diamante finíssimo, do qual mandastes fazer algumas coluninhas para um tabernáculo”. Outras virtudes ainda mais apreciáveis do ponto de vista intelectual e moral foram atribuídas a este raro tesouro e são as que conferem a quem o possui o dom da sabedoria e, além disso, como a pedra filosofal enobrece os metais vis e transforma cristais em pérolas finas, também purifica a alma do homem e extirpa de seu coração a raiz do mal e de todo pecado. A respeito da quantidade de pedra filosofal que deve ser empregada para produzir seus efeitos, as opiniões dos alquimistas variam consideravelmente. Kunckel admite que não pôde converter em ouro mais do que